

IBGE: Rio perdeu 924 unidades de saúde em 2 anos

SOLANGE DUARTE

Por falta de pessoal e de recursos financeiros, entre outros problemas, o Rio de Janeiro registrou entre 91 e 92, a desativação ou extinção de 924 unidades de saúde públicas e privadas. A crise atingiu também São Paulo, que ficou com 836 unidades a menos. Esses dados foram revelados na pesquisa sobre Assistência Médico-Sanitária feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1993 e divulgada sexta-feira passada. No Rio de Janeiro, 601 unidades estavam desativadas e 323 extintas. A crise atingiu, principalmente postos de saúde (464) e clínicas (295). De todos os estabelecimentos, apenas um estava desativado para obras.

A pesquisa do IBGE mostrou também que 63% das unidades de saúde existentes no Estado do Rio de Janeiro estavam concentradas na região metropolitana. O município do Rio tinha ainda 51% dos hospitais públicos e privados, o que atraía pacientes de outros municípios, principalmente os vizinhos, comprometendo o atendimento. Em São Paulo, a situação se repetia com menor intensidade: 40% dos estabelecimentos do estado ficavam na região metropolitana.

Outro dado interessante revelado na pesquisa é que dos 7.400 estabelecimentos em atividade no Rio, apenas 2.071 eram con-

trolados pelo poder público. Os outros 5.329, pela iniciativa privada. A situação em São Paulo não era muito diferente: das 14.113 unidades de saúde em funcionamento, 4.541 pertenciam ao poder público e 9.572 ao setor privado. Em todo o Brasil, 90% dos estabelecimentos particulares tinham convênio ou contrato com órgãos públicos (INSS, instituições federais, estaduais e/ou municipais).

A pesquisa mostrou ainda que a maior parte dos serviços médicos especializados, tanto no Rio quanto em São Paulo, está nas mãos do setor privado. Das 756 unidades de saúde do Rio especializadas em cardiologia, cirurgia, clínica médica, dermatologia, ginecologia e obstetrícia, odontologia, orto-traumatologia, pediatria e psiquiatria, 665 eram particulares. Em São Paulo, nessas mesmas especialidades, do total de 2.564, apenas 257 eram públicas.

O número de leitos oferecidos à população do Rio e de São Paulo era muito inferior ao recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): cinco para cada mil habitantes. No Rio, estavam à disposição dos cerca de 13 milhões de habitantes, apenas 1.312 leitos, sendo 1.006 privados, ou seja, a oferta era de 0,1 leitos por cada mil habitantes. Em São Paulo, a situação era pior: 1.609 leitos (1.320 privados) para cerca de 32 milhões de pessoas, numa conta de 0,04 leitos para cada mil habitantes.